



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

O AUTOCONHECIMENTO E O RECONHECIMENTO DO OUTRO: O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE FILOSOFIA NO ENSINO TÉCNICO

Raul Maia Andrade Neves, Cleber Gibbon Ratto, Centro Universitário La Salle- Unilasalle.

Resumo

Após retorno da Filosofia no currículo escolar, é importante considerar como o Ensino de Filosofia pode ser desenvolvido no Ensino Técnico. Não basta ter filosofia nas escolas, mas, é necessário, buscar compor políticas de educação e propostas pedagógicas para conduzir o aluno ao pensar filosófico.

Palavras-chave: *Ensino técnico, filosofia.*

Área Temática: Educação

1. Introdução - Propósito central do trabalho

Após a retomada da Filosofia no currículo escolar pela lei de 2008, é importante considerar como o Ensino de Filosofia pode ser desenvolvida no Ensino Técnico. Não basta apenas ter filosofia no ambiente educativo, mas, é necessário, sobretudo, buscar compor políticas de educação e propostas pedagógicas para conduzir o aluno ao pensar filosoficamente.

Constatada a existência de um senso comum sobre o Ensino de filosofia no Brasil que é baseado numa transmissão do saber filosófico persiste até os dias de hoje. Essa transmissão do saber filosófico, baseada muitas vezes apenas no “conhecer” a história da filosofia, não garante uma formação eticamente adequada, pois conhecer, nesse caso, tem apenas um caráter informativo. Importante, então, é, diante do atual cenário de formação técnica-educacional, problematizar o pensar filosófico.

Diante das mudanças que atualmente atravessamos em nosso país, fruto do desenvolvimento econômico, percebemos o avanço tecnológico e científico em todas as áreas do conhecimento humano e ambientes de trabalho, bem como nas relações interpessoais, na comunicação e na educação. Exemplo disso é o acesso cada vez maior à internet com o crescimento das redes sociais e a necessidade do mercado de trabalho de profissionais com conhecimento técnico, em todos os níveis de trabalho e educação. Nesse sentido, a Educação Básica, através das Escolas Técnicas junto aos Institutos Federais e o Ensino Superior, na formação de professores por meio das universidades, podem implantar ou implementar ações e propostas pedagógicas que aliem o domínio técnicas a formação humana. O saber fazer, ainda, não é suficiente na formação do sujeito (aluno) para interagir na sociedade.

A partir destas considerações, entendemos que a contribuição do conhecimento técnico e científico é importante na formação do sujeito, mas não dá conta da formação do ser humano. Uma formação mais humanizada pode fazer com que o indivíduo saia do lugar de profissional, que apenas executa uma função, para uma condição ética do saber agir comunicativamente. Nesse agir comunicativo, ele aprenderá a desenvolver conhecimento técnico, se reconhecer no outro e compartilhar estratégias de melhor convivência no mundo. Nesse sentido, no ambiente de trabalho não irá apenas saber fazer, mas, fazer com melhor qualidade, da maneira mais ética possível, considerando, então, os avanços técnicos e científicos nos ambientes educativos, nos processos de ensino e aprendizagem.

Para elucidar essa problemática entre o saber fazer técnico-científico e o aprender a conviver, conhecer e aprender juntos podem ser exemplificados pelo próprio avanço tecnológico em relação ao acesso à internet com a seguinte questão: o que o professor tem a ensinar ao



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

aluno, que ele não possa pesquisar na internet? O saber que era de acesso exclusivo do professor, agora é universal, ou seja, o conhecimento está disponível para um número cada vez maior de pessoas. Faz-se necessário pensar em ações pedagógicas voltadas para o trabalho com esses saberes nos cursos técnicos. A necessidade de repensar as ações pedagógicas se aplica ao Ensino de Filosofia. Uma vez que os conhecimentos da História da Filosofia e os próprios conceitos de Filosofia também estão disponíveis na internet, o que precisa ser modificado é o enfoque do ensino e o da aprendizagem, que pode problematizar esses conhecimentos em sala de aula e também promover o pensar filosoficamente para agir comunicativamente. Primeiramente, conduzir o aluno ao conhecimento de si como sujeito no mundo, resgatando sua história, é responsabilidade do Ensino de Filosofia.

Neste compromisso da filosofia com o Ensino Técnico, é importante criar situações que possibilitem ao aluno falar e escrever sobre sua vida, sua família, as características do seu bairro, sua comunidade, sua atividade extraclasse, a relação com amigos, lugares que frequentam, esportes que praticam, perspectivas para o futuro etc. É fundamental que os aprendentes possam relatar suas vivências e experiências na escola, relacionando-as com os conteúdos das aulas, em um processo de interação com os professores e colegas.

Todo esse registro da construção de si, da sua história, passa por uma autorreflexão que promove o autoconhecimento, resultando, portanto, numa educação mais humanizada. Precisamente, este sujeito, que se biografa e se autoconhece, poderá estar numa relação indispensável com o outro.

O desenvolvimento de práticas pedagógicas intersubjetivas no ensino de filosofia no Ensino Técnico, então, vai exigir, durante estas atividades, que os alunos possam argumentar expor ideias, problemas, tecerem comentários, mas, também, conhecer, ouvir argumentos, comentários, ideias e os problemas do outro, reconhecendo-se no outro e buscando o reconhecimento do outro. Nesse sentido, aprende a se colocar no lugar do outro, desenvolvendo o sentimento de empatia.

Assim, confirma-se a importância de se redimensionar o ensino de filosofia na Ensino Técnico para contribuir na formação de um indivíduo que não apenas entra em contato com o conteúdo da disciplina e da técnica, mas participa ativamente da construção do conhecimento a partir de um pensar filosófico. Desse modo passa-se de uma educação centrada no saber fazer, para uma educação emancipatória que visa autonomia, e que o aluno, como sujeito possa agir e interagir na sociedade, transformando a si mesmo e ao mundo em que está inserido.

2. Marco Teórico

Como pesquisador do Ensino de Filosofia sob a perspectiva da Educação, da Epistemologia e da Pedagogia tenho como objetivo continuar os estudos que foram iniciados com a Prof^a: Doutora Rosa Maria Filippozzi Martini. Durante o primeiro ano Curso de Mestrado em Educação tive a oportunidade de ser orientado por esta docente, a qual, pode me orientar acerca dos conhecimentos, diante da teoria adotada como referência para a pesquisa e práticas docentes realizadas. Diante do exposto, considero que, os estudos que pretendo desenvolver neste Centro Acadêmico estão direcionados a Linha de Pesquisa: Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação.

Assim, de acordo com as orientações da professora Rosa pude estudar aspectos relacionados as teorias que constituem uma base para explicar as concepções filosóficas, epistemológicas e pedagógicas, as quais poderei desenvolver diante da pesquisa que pretendo desenvolver no Doutorado. Estas abordagens oferecem basicamente a explicação teórica de uma prática a ser realizada, numa interação entre professor-pesquisador e alunos, que passa por uma análise crítica e teórica de Jurgen Habermas, Jean Piaget e Paulo Freire. Ao buscar uma filosofia e epistemologia como fundamentação teórica para construir possibilidades dialéticas e emancipatórias para o ensino e a aprendizagem da filosofia consideramos a Teoria do Agir Comunicativo e a Epistemologia Genética. Esta possibilidade real encontra referência nos pressupostos teóricos da análise de Jurgen Habermas e Jean Piaget e nas práticas pedagógicas desenvolvidas numa concepção pedagógica social fundamentada pela Pedagogia Libertadora de Paulo Freire.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

A Teoria do Agir Comunicativo segundo Habermas (2012a) contribui com uma perspectiva contemporânea, filosófica e social entre a diferenciação da compreensão do indivíduo histórico que repousa numa ação solitária no mundo para uma proposição dialógica entre dois ou mais sujeitos capacitados para socializarem ideias, pensamentos e projetos de vida em sociedade. Ao promover o pensar do homem em sociedade no mundo contemporâneo, a filosofia discursiva, conforme Habermas, possibilita ao homem sair de um pensamento subjetivo para um pensamento intersubjetivo. Habermas marcou a filosofia pensando a razão através de uma teoria social, saindo da filosofia da consciência para a filosofia da linguagem. Nesse sentido, Habermas afirma que:

É essa multiplicidade de perspectivas interpretativas que explica porque o sentido do princípio da universalização não se esgota numa reflexão monológica segundo a qual determinadas máximas seriam aceitáveis como leis universais do meu ponto de vista. É só na qualidade de participantes de um diálogo abrangente e voltado para o consenso que somos chamados a exercer a virtude cognitiva da empatia em relação às nossas diferenças recíprocas na percepção de uma mesma situação. Devemos então procurar saber como cada um dos participantes procuraria, a partir do seu próprio ponto de vista, proceder à universalização de todos os interesses envolvidos. (2004, p. 9).

Em sua Teoria do Agir Comunicativo Habermas faz críticas a uma ideia de construção de conceitos, em termos de sínteses subjetivas que o entendimento humano é capaz de operar desde a sensibilidade, articulando interações e forma à priori do entendimento. Questiona assim, a crença do conhecimento humano, numa condição baseada na separação do sujeito-objeto, porque o sujeito seria capaz de representar a realidade de maneira subjetiva.

Habermas (1989) critica as pretensões de fundamentação da Filosofia da Consciência baseada na subjetividade. Nesse sentido, afirma que a Epistemologia Genética, de Jean Piaget (1983), pode oferecer um modelo instrutivo, não só para os filósofos, como para pedagogos e professores, que valoriza o pensamento dialético, concebendo a abstração reflexionante como mecanismo de aprendizagem e explicando o desenvolvimento cognitivo, a partir de uma compreensão descentrada do mundo.

Na Epistemologia Genética apresentamos a explicação da gênese da construção do conhecimento por um processo de abstração reflexionante de um indivíduo que sai de um patamar de autoconhecimento para o reconhecimento do outro, construindo o sentimento de empatia, tendo como sentido a descentração para chegar a um patamar de cooperação. O processo de abstração reflexionante é a projeção num patamar superior daquilo que foi retirado de um patamar inferior. Assim, nesta ideia, a reflexão é o ato mental de construção e reorganização do que foi traduzido do (patamar inferior). Um aluno que pensa, inicialmente, determinada atividade, sozinho, constrói um conhecimento subjetivo um patamar inferior, mas por força de sua ação diante da realização de uma tarefa pela interação, pode construir conhecimento junto a outro professor, colega ou grupo, sendo a síntese dessa construção um patamar superior. Durante esse processo, na superação de um patamar ao outro, comporta um ganho qualitativo, quando a coordenação das ações intersubjetivas se equivale às reconstruções do conhecimento (BECKER, 2010).

Piaget (1980, p. 61) vai dizer que ao educador é imprescindível saber fazer a escolha pedagógica, e essa escolha requer a operação de métodos ativos.

Da mesma forma, os métodos “ativos” que são os únicos capazes de desenvolver a personalidade intelectual, pressupõem necessariamente a intervenção de um meio coletivo ao mesmo tempo formador da personalidade moral e fonte de trocas intelectuais organizadas. Não seria possível constituir, com efeito, uma atividade intelectual verdadeira, baseada em ações experimentais e pesquisas espontâneas, sem uma



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

livre colaboração dos indivíduos, isto é, dos próprios alunos entre si, e não apenas entre professor aluno.

A escolha pedagógica, que valoriza as trocas intelectuais mediante em atividades intersubjetivas é o que vai promover a colaboração e a cooperação dos sujeitos. Conforme Piaget (1980, p. 62) esclarece que:

A atividade da inteligência requer não somente contínuos estímulos recíprocos, mas ainda e, sobretudo o controle mútuo e o exercício do espírito crítico, os únicos que conduzem o indivíduo a objetividade e a necessidade de demonstração. As operações da lógica são, com efeito, sempre cooperações, e implicam em um conjunto de relações de reciprocidade intelectual e de cooperação moral e racional.

Já na Pedagogia Libertadora encontramos a explicação, acerca das possibilidades das práticas pedagógicas emancipatórias, que propõe ao indivíduo sair de uma consciência ingênua para uma consciência crítica de si e do mundo. O desenvolvimento de atividades de pesquisa através de uma ação pedagógica que se proponha levar o aluno a se autoconhecer e reconhecer no outro, entre o biografar-se e a empatia, encontra correspondência na obra de Paulo Freire. O diálogo e a ação de pessoas numa relação circundante em vista da sua transformação como sujeito histórico é explicada em suas práticas pedagógicas, onde todos aprendem com os outros e ensinam uns aos outros. A Pedagogia Libertadora propõe métodos ativos de caráter dialógico e participante na construção do ensino, da aprendizagem e do conhecimento. O autor propõe, didaticamente, os círculos de cultura, como ambientes de discussão, os quais se transformam em espaço de debate, onde as pessoas interagem umas com as outras, ensinando, aprendendo, pesquisando, refletindo, se autoconhecendo e se reconhecendo no outro.

O professor que deseja conhecer o sujeito da sua práxis é aquele que pretende buscar uma prática pedagógica que se estabelece nas interrelações entre o ensinar e aprender. Conforme (FREIRE, 2011a, p. 47)

Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica re-conhecer. No fundo, o que eu quero dizer é que o educando se torna realmente educando quando e na medida em que conhece, ou vai conhecendo os conteúdos, os objetos cognoscíveis, e não na medida em que o educador vai depositar nele a descrição dos objetos, ou dos conteúdos.

As relações entre o ensinar e aprender nos ambientes educativos podem, então, valorizar conhecimento dos educandos para que na construção do conhecimento possa chegar no reconhecimento do outro. Nesse sentido (FREIRE, 2011a, p. 47) afirma que:

O educando se reconhece conhecendo os objetos, descobrindo que é capaz de conhecer, assistindo a imersão dos significados em cujo processo se vai tornando também significador crítico. Mais do que ser educando por causa de uma razão qualquer, o educando precisa tornar-se educando como sujeito cognoscente e não como incidência do discurso do educador.

3. Metodologia

O desenvolvimento de uma pesquisa em educação através de trabalho pedagógico envolvendo o ensino e a aprendizagem de Filosofia requer a busca de uma pesquisa de enfoque social como possibilidade de transformação da realidade a ser pesquisada. Analisar se o



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

indivíduo, enquanto aluno, se autoconhece e se reconhece no outro exige participação, interação, a descentração. Portanto, práticas pedagógicas intersubjetivas devem estar presentes numa metodologia que possibilite a transformação dos sujeitos da pesquisa. Como essa realidade pode ter transformada? A realidade a ser transformada, acontece através das práticas pedagógicas desenvolvidas em aula no ensino e na aprendizagem de filosofia com a perspectiva de promover o pensar, o agir e o refletir como possibilidade emancipatória dialética no mundo das relações para que os alunos se autoconheçam e se reconheçam no outro desenvolvendo consciência crítica e o sentimento de empatia.

Ao buscarmos uma metodologia de pesquisa numa abordagem dialética da realidade social consideramos a Pesquisa Qualitativa através do Método de Pesquisa-Ação.

A caracterização de pesquisa segundo Thiollent (1992), entre suas diversas definições poderia ser conceituada:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação, ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e ou participativo.

A interação entre o sujeitos pesquisados e o pesquisador é o diferencial que vai caracterizar a pesquisa-ação que valoriza outros elementos para o seu desenvolvimento, apresentada por resultados em forma de registros ou por descrição, ou ainda, depoimentos numa construção do conhecimento baseado num movimento de dialética e ação.

Referências

BECKER, Fernando. **O Caminho da aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire: da ação a operação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

CASSOL, Claudionei Vicente. A missão da filosofia na Escola Básica. In: KUIAVA, E. A.; SANGALLI, I. J.; CARBONARA, V. **Filosofia, formação docente e cidadania**. Ijuí: Unijuí, 2008.

HABERMAS, Jurgen. **A ética da discussão e a questão da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Consciência moral e Agir Comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____. **Teoria do Agir Comunicativo - 1: racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo: Martins Fontes, 2012a.

KUIAVA, E. A.; SANGALLI, I. J.; CARBONARA, V. Formação ética e valores morais no processo de ensino e aprendizagem. In: _____. **Filosofia, formação docente e cidadania**. Ijuí: Unijuí, 2008.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética; Sabedoria e ilusões da filosofia; Problemas de psicologia genética**. Trad. Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir e Celia E. A. Di Piero. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Série “Os pensadores”.

_____. **Para onde vai a educação**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1980.